

Editorial

Profissional de Educação Física: das Escolas às Unidades de Saúde

O final do século XX e início do século XIX tornou-se um período de desafios e conquistas para o Profissional de Educação Física (PEF). As mudanças nos hábitos de vida e a relação do nível de atividade física com a prevenção e tratamento de diversas patologias, como a hipertensão e diabetes, são os principais fatores que exigem essa mudança de postura do PEF.

Inserido nas escolas sob influência dos ideais de Rui Barbosa, o PEF sofreu forte influência militarista e higienista. As aulas de educação física eram destinadas a construção de indivíduos fortes fisicamente, capazes de atuar nas frentes de batalha, principalmente com o início da ditadura, o que culminou na marginalização dos menos favorecidos fisicamente. Neste período houve, também, um grande apelo a esportivização para distrair a população frente as ações da ditadura, principalmente após a conquista da Copa do Mundo de Futebol em 1970. Com isso, o PEF teve a sua imagem associada ao profissional que carregava um apito pendurado no pescoço e uma prancheta para anotar os resultados de seus atletas.

Um dos primeiros desafios foi o de mudar esta visão e atuação do PEF, para aquele que trabalha com a formação do ser humano como um todo. Na escola, além de trabalhar com esportes, o professor utiliza este conteúdo para o desenvolvimento de outras qualidades da criança. Qualidades que variam desde aspectos sociais à psicomotores e cognitivos, como a inclusão social, o companheirismo, o respeito ao próximo, a consciência corporal, a coordenação motora e raciocínio lógico.

Diante desta gama de ações, surge a possibilidade de educação para a saúde, um tema bastante importante a ser discutido na escola, para a prevenção de doenças e promoção da saúde. Neste contexto, em 1997, o Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução nº218, reconhece, dentre outras profissões, o PEF como profissional da saúde. Alinhada a estas mudanças, em 1998 cria-se os Conselhos Federal e Regionais de Educação Física que atuam de forma assídua para construção de um cenário ideal para prática profissional.

A partir daí, desvincula-se a visão do PEF como “profissional da prancheta e apito”, e associa-se a um profissional que contribui para manutenção e/ou construção de um corpo perfeito, pois, saúde é caracterizada, pela maioria das pessoas, a músculos tonificados e baixo percentual de gordura.

Considerando que o conceito de saúde abrange uma série de fatores (sociais, físicos e mentais), e que o PEF é profissional da saúde, sua ação não limita-se apenas a construção de um corpo perfeito. Após vinte anos do reconhecimento da profissão como sendo da área da saúde, é um desafio dos Conselhos e profissionais mostrarem a importância do PEF na sociedade. Atualmente, existem alguns poucos PEFs atuando em unidades de saúde e hospitais na prevenção e tratamento de pacientes pré/pós cirurgia bariátrica, problemas respiratórios (doenças obstrutivas), cardiovasculares (hipertensão, insuficiência cardíaca), metabólicos (dislipidemias, diabetes, obesidade), reabilitação motora, realizando atividades laborais, dentre outras ações.

Sendo assim, é um desafio ao PEF, conquistar seu espaço, e mostrar que pode atuar em equipes multiprofissionais desde unidades de saúde que realizam atenção primária (prevenção e promoção da saúde), atenção secundária (diagnóstico precoce e tratamento) até atenção terciária (reabilitação), sem, no entanto, marginalizar sua atuação como educador nas escolas para formação de um ser humano capaz de viver em harmonia com a sociedade.

Luis Arthur Spínola Castilho
Professor de Educação Física
Mestre em Farmacologia e
Toxicologia